

# Solidão, evasão e revolta do eu-lírico no poema “London”, de William Blake

Altamir Botoso<sup>1</sup>

## Resumo

O escritor William Blake (1757-1827) foi um dos expoentes do Romantismo inglês e, além de escrever seus poemas, também os ilustrou. Nosso objetivo é analisar o poema “London”, publicado pela primeira vez em 1819, evidenciando alguns elementos de sua construção, tais como a solidão, o desejo de evasão, a revolta do eu-lírico contra a sociedade e a permanência de traços românticos em uma composição poética contemporânea, que dialoga com o texto de Blake – “London London”, de Caetano Veloso. Dessa maneira, foi possível constatar que o poeta romântico, imerso na cidade grande, mesmo cercado de pessoas, converte-se num ser solitário, que busca evadir-se da realidade que o oprime para tentar ser livre.

**Palavras-chave:** Romantismo. Eu-lírico. William Blake. Poesia. Literatura inglesa.

## SOLITUDE, EVASION AND REVOLT OF THE LIRIC SELF IN THE POEM “LONDON”, BY WILLIAM BLAKE

## Abstract

The writer William Blake (1757-1827) was one of the exponents of English Romanticism and, in addition to writing his poems, also illustrated them. Our aim is to analyse the poem “London”, first published in 1819, highlighting some elements of its construction such as loneliness, the evasion’s desire, the revolt of the lyric self against society and the permanence of romantic traits in a contemporary poetic composition that dialogues with the text by Blake – “London London”, by Caetano Veloso. In this way, it was possible to verify that the romantic poet, immersed in a big city, even surrounded by people, becomes a solitary being, who seeks to escape from reality that oppresses him to try to be free.

**Keywords:** Romanticism. Lyric self. William Blake. Poetry. English literature.

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de Assis-SP. E-mail: abotoso@uol.com.br

No final do século XVIII, a Inglaterra passa por uma série de transformações, que podem ser sintetizadas nos seguintes termos:

A industrialização e a mentalidade capitalista mudaram significativamente a paisagem inglesa do século XVIII. As máquinas a vapor, protagonistas destas mudanças, apontavam para o crescimento da industrialização e mecanização do trabalho. A expansão das cidades urbanas, e consequentemente, a queda da população rural. Todavia, as condições de trabalho nas cidades eram precárias, promovendo um conflito entre as classes (proletariado e burguesia), e até mesmo do homem [...] com a natureza, visto que a poluição das fábricas [ocasional] problema[s] ambiental[is]. Tais problemáticas levam os poetas deste período a criticar os problemas sociais e valorizar a Natureza. (PARADISO, 2018, p. 182).

Deve-se levar em conta também, para se traçar um panorama do período em questão, a importância dos ideais da revolução francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – que exerceu influência nos escritores dessa época. Soma-se a isso a Revolução Industrial e os seus efeitos na sociedade, uma vez que ela possibilitou à Inglaterra tornar-se uma potência mundial, mas, por outro lado, gerou a criação do proletariado, uma classe social explorada e que vivia na extrema pobreza.

Os escritores captaram essa realidade e a recriaram no espaço da ficção e da poesia e os estudiosos e críticos literários costumam denominar o período mencionado como Romantismo. A esse respeito, Maria Lemos Machado de Sousa (1980, p. 7-8) tece as seguintes observações:

Apesar de se utilizar com frequência o termo “escola romântica”, apesar de ter sido possível, em certos casos, marcar limites para o período em que se desenvolveu a literatura romântica, a verdade é que nada disto é mais que convenção para facilidade de estudo. [...]

O Romantismo é sobretudo um estado de espírito, que tem na base uma necessidade de afirmação pessoal do artista, cuja inspiração não cabe nos limites impostos pelos critérios de uma época e para quem a arte é uma realização de si próprio e o leva a isolar-se num mundo só seu. [...] O romântico revê-se na sua própria alma – interessa-lhe mais a relação do

poema consigo mesmo que com o público. O típico poeta romântico despreza a sociedade em que vive – o seu público, afinal – veste o que lhe apetece, usa o cabelo despenteado pelo vento, que é a sua expressão cósmica da corrente da sua inspiração, desafia as normas literárias e morais e morre cedo, às vezes por acto da sua vontade, outras gasto pela violência com que vive.

Desta maneira, podemos encontrar românticos em todas as épocas, em figuras cuja arte é considerada absolutamente inovadora e que os contemporâneos muitas vezes classificam de “originais” ou “excêntricos”. Em particular na literatura inglesa, onde o romantismo literário dos séculos XVIII e XIX teve as suas principais manifestações, não é uma enormidade dizer que existira já uma época romântica anterior. [...]

Nota-se que as periodizações e marcações a respeito da época do Romantismo são convencionais e adotadas com fins pedagógicos. Talvez mais importante seja ressaltar os poetas do período em epígrafe, os quais são

figuras solitárias, isoladas num mundo que consideravam mesquinho, figuras que só agem de acordo com a sua própria vontade.

[...] o romântico é, acima de tudo, o homem em luta pela sua liberdade, o homem que valoriza os impulsos instintivos [...] [e] se justifica na sua própria evolução o facto de ter sido a literatura inglesa a primeira a manifestar-se “romanticamente” contra a escola clássica que há três séculos dominava a literatura europeia. (SOUSA, 1980, p. 8-9).

Além dessas características comuns aos escritores, as produções românticas também apresentavam as seguintes particularidades:

Estado de evasão – fuga para universos imaginários, para cenários pitorescos, muitos deles ambientados na Idade Média.

Idealização da mulher – o lirismo romântico se aproxima dos trovadores medievais, colocando a mulher como um ser angelical, uma figura poderosa, quase inatingível.

Subjetivismo – todos os valores são relativos, definidos a partir da ótica particular de cada

artista. É ainda, a partir do sujeito que se estrutura o mundo.

Senso de mistério e solidão – a religiosidade expressa pelas figuras do bem e do mal, culto da morte, do sombrio, gosto pelas imagens obscuras, pelos meio-tons que impossibilitam a definição clara e objetiva do mundo.

Simplificação da linguagem – libertação dos modelos clássicos de composição, aproximando o texto do entendimento do leitor burguês, destituído de formação acadêmica e cultura que lhe permitisse a compreensão de sofisticadas linguísticas. (MOREIRA e SPARANO, 2011, p. 4).

Em síntese, o crítico Thomas Bonnici (2004, p. 1) estabelece uma divisão do Romantismo inglês em duas gerações e pondera que os temas mais frequentes são os seguintes:

a) First generation, comprising Wordsworth, Burns, Blake, Coleridge and other with themes of passion, terror, mystery, folk, ballads, medieval lore, emotionalism; b) second generation, comprising Byron, Shelley, Keats and others, who traveled widely and died early. The latter's themes consisted of dreams, dramatic illusions, Romantic sensibility, creativity, childhood, unrequited love, exiled heroes, nature, freedom, sincerity and human moderation. Creative imagination and individual feeling produced the highest literary achievement in the Romantic Movement: the lyric, with its freedom, its flexibility and intensity.<sup>2</sup>

Embora, conforme apontamos anteriormente, as divisões/periodizações sejam arbitrárias, consideramos oportuno assinalá-las para estabelecer algumas distinções temáticas e formais entre os escritores do romantismo inglês.

De acordo com a divisão de Bonnici (2004), na 2 Todas as traduções do inglês, salvo indicação contrária, serão nossas.

a) Primeira geração, compreendendo Wordsworth, Burns, Blake, Coleridge e outros com temas sobre a paixão, terror, mistério, folk, baladas, tradição medieval, emotividade; b) segunda geração, compreendendo Byron, Shelley, Keats e outros, que viajaram muito e morreram cedo. Os temas desta última consistiam em sonhos, ilusões dramáticas, sensibilidade romântica, criatividade, infância, amor não correspondido, heróis exilados, natureza, liberdade, sinceridade e moderação humana. A imaginação criativa e o sentimento individual produziram a mais alta conquista literária do Movimento Romântico; a lírica, com a sua liberdade, flexibilidade e intensidade. (BONNICI, 2004, p. 1).

primeira geração concentram-se aspectos tais como temas relacionados à paixão, ao terror, ao mistério e, na segunda, elementos como o sonho, as ilusões dramáticas, a sensibilidade romântica, o herói exilado, a liberdade e, dessa forma, as conquistas mais notáveis do período romântico puderam ser percebidas no campo da lírica.

Essa breve visão panorâmica a respeito do movimento romântico inglês faz se necessária, uma vez que objetivamos analisar o poema “London”, de William Blake (1757-1827), apontando algumas características românticas que se destacam nele. De sua vasta produção, vale mencionar: *Poetical Sketches* (1783), *Songs of Innocence* (1789), *A Song of Liberty* (1792), *The Marriage of Heaven and Hell* (1793), *Visions of the Daughters of Albion* (1793), *America, A Prophecy* (1793), *Songs of Experience* (1794), *The Song of Los* (1794), *The Book of Ahania* (1795), *The Book of Los* (1795), *Jerusalem* (1820), *The Ghost of Abel* (1822).

O texto selecionado para análise é parte da coletânea *Songs of Experience* e se encontra transcrito abaixo:

London

I wander thro' each charter'd street,  
Near where the charter'd Thames does flow.  
And mark in every face I meet  
Marks of weakness, marks of woe.

In every cry of every Man,  
In every Infants cry of fear,  
In every voice: in every ban,  
The mind-forg'd manacles I hear

How the Chimney-sweepers cry  
Every blackning Church appalls,  
And the hapless Soldiers sigh  
Runs in blood down Palace walls.

But most thro' midnight streets I hear  
How the youthful Harlots curse

Blasts the new-born Infants tear  
And blights with plagues the Marriage hearse.<sup>3</sup>  
(BLAKE, 2019).

O poema “London” está estruturado em quatro estrofes com quatro versos cada uma, apresenta um esquema de rimas ABAB / CDCD / EFEF/ GHGH, que parecem sugerir o movimento do poeta numa atmosfera de solidão e pesadelo e ele consegue estabelecer um conflito entre as rimas alternadas dos quartetos de sua criação poética e a grotesca experiência que ele descreve (CASH, 2019, p. 148).

Ainda em relação às rimas, é relevante assinalar o que afirmam Ms. Rokeya e A. K. Zunayet Ahammed (2016, p. 38-39):

[...] He [the poet] puts emphasis on sound imagery which is suggestive of a noisy industrialized city Blake laments. Similarly, end rhymes contribute significantly to the development of the poem’s dark atmosphere. For example, ‘flow’ and ‘woe’, ‘man’ and ‘ban’, ‘fear’ and ‘hear’, ‘cry’ and ‘sigh’ and ‘curse’ and ‘hearse’ create an atmosphere of animated grief. Really, the poem represents a gloomy picture of London as a symbol of fallen humanity.<sup>4</sup>

Não só as rimas, mas a seleção de vocábulos que conformam o campo semântico do poema – “weakness”, “woe”, “cry”, “appalls”, “blood”, “blights”, “plagues”, “hearse”<sup>5</sup> – manifestam

3 Aqui, apresentamos a tradução do poema realizada por Paulo Vizzioli (BLAKE, 1993, p. 62-63). “Londres” - Em cada rua escriturada em que ando, / Onde o Tâmisia escriturado passa, / Eu nos rostos que encontro vou notando / Os sinais da doença e da desgraça. // Ouço nos gritos que os adultos dão, / E nos gritos de medo do inocente, / Em cada voz, em cada interdição, / As algemas forjadas pela mente // Se o Limpa-Chaminés acaso grita, / Assusta a Igreja escura pelos anos; / Se o Soldado suspira de desdita, / O sangue mancha os muros palacianos. // Mas o que mais à meia noite é ouvido / É a rameira a lançar praga fatal, / Que estanca o pranto do recém nascido / E empestia a mortalha conjugal.

4 [...] Ele [o poeta] coloca ênfase nas imagens sonoras que sugerem uma cidade industrializada e barulhenta que Blake lamenta. Da mesma forma, as rimas finais contribuem significativamente para o desenvolvimento da atmosfera escura do poema. Por exemplo, “passa” e “desgraça”, “homem” e “interdição”, “medo” e “ouvir”, “grita” e “suspira” e “maldição” e “pragas” criam uma atmosfera de tristeza animada. Realmente, o poema representa uma imagem sombria de Londres como símbolo da humanidade decaída. (ROLEYA, AHAMMED, 2016, p. 38-39).

5 “fraqueza”, “desgraça”, “grito”, “assustar”, “sangue”,

um sentido negativo, que reforça os problemas e dilemas dos londrinos que o eu-lírico observa e tais palavras acabam enfatizando a visão negativa que o poeta romântico geralmente tem da sociedade na qual se encontra inserido.

O assunto do poema é o passeio do eu-lírico pelas ruas de Londres, por meio do qual ele vê os seus transeuntes, percebe e expressa os seus pesares ao longo dos versos, desvelando a sua solidão e o seu isolamento, uma vez que se encontra imerso em suas aflições e devaneios, elementos tão caros e sempre presentes nas poesias românticas.

Além disso, é possível perceber que, em conformidade com Geoffrey Keynes (*apud* CASH, 2019, p. 147), “this poem is one of Blake’s most outspoken protests against the effect of industrial civilisation upon the life of the individual”.<sup>6</sup>

Indubitavelmente, dois elementos se destacam em “London”: a cidade de Londres e os seus habitantes que transitam pelas suas ruas – o limpa-chaminés, o soldado e a prostituta. A atmosfera do poema pode ser descrita como muito triste, depressiva, crítica e desvela uma sociedade dividida em duas classes: ricos e pobres: de um lado, os menos afortunados (“Chimney-sweepers”, “hapless Soldiers”, “Harlots”, “Infants”)<sup>7</sup>, e de outro, “the clergy and the nobility, which are represented by “Palace walls” (v. 12) and “blackening Church” (v. 11)”<sup>8</sup> (BRÄUER, 2008). Vale destacar que os “Chimney-sweepers”<sup>9</sup> eram crianças que eram forçadas a limpar as chaminés e a trabalhar desde tenra idade.

A atmosfera à qual já nos referimos, termina por refletir um cenário apocalíptico,

“empestear”, “pragas”, “carro fúnebre”.

6 “este poema é um dos protestos mais sinceros de Blake contra o efeito da civilização industrial sobre a vida do indivíduo” (KEYNES *apud* CASH, 2019, p. 147).

7 (“Limpadores de chaminés”, “Soldados infelizes”, “Prostitutas”, “Bebês”).

8 “o clero e a nobreza, que são representados pelas “Paredes do palácio” v. 12 e “Igreja escurecida” v. 11” (BRÄUER, 2008).

9 “Limpadores de chaminés”.

quase macabro, aproximando-se das paisagens do romance gótico, e tal interpretação é corroborada por Peter Cash (2019, p. 150), quando afirma que “it is on his nocturnal ramblings through the metropolis (‘midnight streets’) that Blake’s vision becomes almost apocalyptic”<sup>10</sup> e também por E. P. Thompson (*apud* DIESEL, 2015, p. 4), para quem “London is a literal poem and also an apocalyptic one. Instead of being a simple listing of London’s problems, unrelated abuses and suffering, it takes us to the city streets and shows us what Blake saw around him in his walks”<sup>11</sup>.

Nota-se que o eu-lírico empenha-se em retratar os problemas de uma cidade em pleno processo de industrialização e as vítimas desse processo, os mais pobres, que são explorados e ignorados pelos mais poderosos. Desse modo, “[...] Every reader can [...] see London simultaneously as Blake’s own city, as an image of the state of English Society and as an image of the human condition”<sup>12</sup> (THOMPSON *apud* DUARTE, 2011, p. 151).

Durante a leitura, é possível notar que emerge o lado subjetivo do poeta, que se coloca no poema e se expressa na primeira pessoa: “I wander” (v. 1), “I meet” (v. 3), “I hear” (v. 8)<sup>13</sup> e essa é uma das marcas mais relevantes das produções poéticas do período romântico, pois em “London é como se Blake caminhasse pela cidade e mostrasse ao leitor como ele está imerso nesse universo urbano, compartilhando um sentimento que, na visão do poeta, seria geral a toda a sociedade” (DUARTE, 2011, p. 152).

10 “é nas suas divagações noturnas pela metrópole (‘ruas da meia-noite’) que a visão de Blake se torna quase apocalíptica” (CASH, 2019, p. 150).

11 “Londres é um poema literal e também apocalíptico. Em vez de ser uma simples listagem de problemas de Londres, abusos e sofrimentos não relacionados, leva-nos às ruas da cidade e nos mostra o que Blake viu ao seu redor em suas caminhadas” (THOMPSON *apud* DIESEL, 2015, p. 4).

12 Tradução de Flavia Maris Gil Duarte: “[...] Todo leitor é capaz, sem a ajuda de um crítico, de ver Londres simultaneamente como a própria cidade de Blake, como uma imagem do estado da sociedade da Inglaterra e, como uma imagem da condição humana. [...]” (THOMPSON *apud* DUARTE, 2011, p. 151).

13 “Eu vagueio” (v. 1), “Eu encontro” (v. 3), “Eu ouço” (v. 8).

Na primeira estrofe, ao vagar pelas ruas de Londres, o eu-lírico encontra a “charter’d street” e o “charter’d Thames”.<sup>14</sup> A repetição de “charter’d” serve para intensificar a sua indignação pela maneira como as pessoas de Londres têm sofrido as consequências do modelo econômico vigente e, além disso, a palavra “charter’d” refere-se “to a clear definition of the spaces in London, as each part of it seems to be owned by someone. Even the river, which more than anything else is a natural [element] and should not belong to anybody, is limited and confined by its definition”<sup>15</sup> (MANKOWITZ *apud* DIESEL, 2015, p. 3).

A respeito do vocábulo mencionado acima, é oportuno salientar que o poeta vê a cidade de Londres

as a marked, divided place, where everything is mapped and owned. The use of words ‘wander’, ‘charter’d’ and ‘mark’ all contribute to the sombre atmosphere to the poem. The repetitive use of the word ‘charter’d’ reinforces the sense of stricture among the people and at the same time stresses Blake’s fury and hatred towards the ruling classes for their exploitative practices. “charter’d’ is a reference to the charters that allocate ownership and rights to specific people. Blake saw this as robbing ordinary people of their rights and freedoms. Even, the river which should normally be free for all and which is usually a symbol of life, freedom and the power of nature is under the ownership of the rich; it has been mapped to flow according to man’s direction- all these suggest corruption and misappropriation in every sphere of Society. Here the ‘charter’d Thames’ is a bitter reference to the way in which every aspect of life in London is owned, constricted, and measured by the political system. [...]” (ROKEYA, AHAMMED, 2016, p. 39).<sup>16</sup>

14 “rua escriturada” e o “Tâmisa escriturado”.

15 “a uma definição clara dos espaços em Londres, já que cada parte dela parece pertencer a alguém. Mesmo o rio, que mais do que qualquer outra coisa é um elemento natural e não deveria pertencer a ninguém, é limitado e confinado pela sua definição” (MANKOWITZ *apud* DIESEL, 2015, p. 3).

16 “como um lugar marcado e dividido, onde tudo é mapeado e possuído. O uso das palavras “vagar”, “escriturado” e “marca” contribuem para a atmosfera sombria do poema. O uso repetitivo da palavra “escriturado” reforça a sensação de constrição entre as pessoas e, ao mesmo tempo, enfatiza a fúria e o ódio de Blake em relação às classes dominantes por suas práticas de exploração. “escriturado” é uma referência aos estatutos que atribuem propriedade e direitos a pessoas específicas. Blake viu isso como uma maneira de roubar as pessoas comuns de seus direitos e liberdades. Mesmo o rio, que normalmente deveria ser livre para todos e que geralmente é um símbolo da vida, da liberdade e do poder da natureza

Nesse sentido, o termo “charter’d”<sup>17</sup> enfatiza a natureza injusta do capitalismo, segundo a qual o dinheiro é tirado da maioria, a classe trabalhadora, e é transferido para uma minoria aristocrática. A cidade de Londres está “crawling with class distinction, exploitation, ownership, alienation, despondency and so on”<sup>18</sup> (ROKEYA, AHAMMED, 2016, p. 39). Assim, as ruas estão demarcadas e até mesmo o rio é explorado por aqueles que têm poder e dinheiro, e desvelam a falta de liberdade e a opressão exercida pelas classes mais abastadas.

Os sentimentos e as sensações são elementos que se destacam dentro do poema. A melancolia, a dor e o sofrimento do eu-lírico ficam patentes durante toda a leitura de “London”. Quanto às sensações, duas delas, visão e audição são de extrema relevância na construção do poema. As duas posturas do poeta de ver e ouvir são importantes porque, de acordo com E. P. Thompson (*apud* CORSINO, 2014, p. 60), “the passage from sight to sound has an effect of reducing the sense of distance or of the alienation of the observer from his object of the first verse, and of immersing us within the human condition through which he walks”.<sup>19</sup> Dessa maneira, ao passar da observação para a audição, tanto o eu-lírico quanto o leitor acabam se encontrando mais próximos dos dramas daquelas personalidades que aparecem no poema – crianças, soldados, prostitutas.

---

está sob a posse dos ricos; foi mapeado para fluir de acordo com a direção do homem – tudo isso sugere a corrupção e apropriação indevida em todas as esferas da sociedade. Aqui, o “Tâmisa escriturado” é uma referência amarga à maneira como todos os aspectos da vida em Londres são possuídos, constrictos e medidos pelo sistema político. [...] (ROKEYA, AHAMMED, 2016, p. 39).

17 “escriturado”.

18 “rastejando, com distinção de classe, exploração, propriedade, alienação, desânimo e assim por diante” (ROKEYA, AHAMMED, 2015, p. 39).

19 “[...] a transição da visão para o som tem um efeito de reduzir o sentimento de distância ou de alienação do observador de seu objeto no primeiro verso, e nós somos imersos na condição humana através da qual ele caminha [...]” (THOMPSON *apud* CORSINO, 2014, p. 60).

Durante a caminhada, o poeta vê “ruas e rios escriturados” (“charter’d”), as faces dos pedestres e ouve os seus choros e gritos. A respeito desse último aspecto, é válido salientar que “the sense of hearing is of great importance to Blake which can be seen by the use of an acrostic. In the third stanza the first letter of each line read top down results in the word “HEAR” in capital letters”<sup>20</sup> (BRÄUER, 2008):

How the Chimney-sweepers cry  
Every blackning Church appalls,  
And the hapless Soldiers sigh  
Runs in blood down Palace walls.<sup>21</sup> (BLAKE, 2019, grifos nossos).

Dessa maneira, “os sons, visões e marcas (“marks”) deixam uma impressão indelével de Londres sobre nós” (WOLFREYS *apud* BRÄUER, 2008) e se tornam uma ilustração realista da Inglaterra e, em particular, de Londres, durante o período da industrialização e, sob essa perspectiva, “a cidade da expansão da indústria e do comércio e da ordem civilizada contrastava com o crescimento desordenado e descontrolado da multidão de pobres que habitava Londres” (DUARTE, 2011, p. 154).

Essa multidão de pobres se faz presente no poema por meio das alusões à criança que grita, ao “limpa-chaminés” que chora, aos soldados que suspiram, às prostitutas que têm filhos de maridos infiéis e todos acabam se tornando vítimas de uma sociedade implacável, insensível, movida por interesses e não por sentimentos altruístas, os quais ficam restritos ao eu-lírico e a sua percepção desoladora da realidade que o cerca, já que “London

---

20 “o sentido da audição é de grande importância para Blake, o que pode ser visto pelo uso de um acróstico. Na terceira estrofe, a primeira letra de cada linha de cima para baixo resulta na palavra “OUÇA” [“HEAR”] em letras maiúsculas” (BRÄUER, 2008).

21 Se o Limpa-Chaminés acaso grita,  
Assusta a Igreja escura pelos anos;  
Se o Soldado suspira de desdita,  
O sangue mancha os muros palacianos. (BLAKE, 2019).

is a place in which there is no innocence, not even for ‘new-born’ babies; rather, it is a system in which innocent bodies-and-souls are immediately entrapped, duly exploited and finally infected”<sup>22</sup> (CASH, 2019, p. 151), estabelecendo um círculo vicioso no qual as doenças são transmitidas por meio das relações sexuais e contaminam homens e mulheres, evidenciando uma sociedade de aparências na qual nem mesmo um dos seus pilares principais, o casamento, garante a felicidade ou a ausência de doenças e as consequências desastrosas para os filhos legítimos ou frutos de relacionamentos extraconjugais.

A título de ilustração, transcrevemos abaixo a música “London London” concebida e cantada pelo cantor Caetano Veloso:

London London

I'm wandering round and round nowhere to go  
I'm lonely in London, London is lovely so  
I cross the streets without fear  
Everybody keeps the way clear  
I know, I know no one here to say hello  
I know they keep the way clear  
I am lonely in London without fear  
I'm wandering round and round here nowhere to go

While my eyes  
Go looking for flying saucers in the sky

While my eyes  
Go looking for flying saucers in the sky

Oh Sunday, Monday, autumn pass by me  
And people hurry on so peacefully  
A group approaches a policeman  
He seems so pleased to please them  
It's good at least to live and I agree  
He seems so pleased at least  
And it's so good to live in peace and  
Sunday, Monday, years and I agree

While my eyes  
Go looking for flying saucers in the sky  
While my eyes

Go looking for flying saucers in the sky

I choose no face to look at, choose no way  
I just happened to be here, and it's ok  
Green grass, blue eyes, grey sky  
God bless silent pain and happiness  
I came around to say yes, and I say

22 “Londres é um lugar onde não há inocência, nem mesmo para recém-nascidos; mais ainda, é um sistema no qual corpos e almas inocentes são imediatamente aprisionados, devidamente explorados e finalmente infectados” (CASH, 2019, p. 151).

Green grass, blue eyes, grey sky  
God bless silent pain and happiness  
I came around to say yes, and I say

But my eyes go looking for flying saucers in  
the sky<sup>23</sup> (VELOSO, 2019).

De acordo com as colocações de Antonio Carlos Secchin (2018, p. 1), a referida música trata do exílio involuntário em Londres, entre 1969 e 1971, de Caetano Veloso, por imposição do regime militar que vigorava nesse período, perseguindo, matando e oprimindo não só pessoas do povo como também personalidades do nosso meio artístico.

A nossa intenção não é analisar em profundidade a canção transcrita, mas apontar algumas similaridades entre ela e o poema de Blake, a começar pelos títulos, que trazem o nome da capital da Inglaterra e do Reino Unido. Além disso, as emoções e os sentimentos do eu-lírico da

23 Tradução de Antonio Cícero (*apud* SECCHIN, 2018, p. 2)  
Londres Londres

Vagando sem destino por aí  
Por Londres Londres linda vou sozinho  
Atravesso as ruas sem temer  
Todo o mundo abre-me o caminho  
Ninguém há que eu conheça e cumprimento  
Só sei que todos abrem-me o caminho  
Estou sozinho em Londres sem temer  
Vagando sem destino por aí

Enquanto meus olhos  
Procuram discos voadores lá no céu

Ah, domingo e segunda, outono passam por mim  
E gente apressada mas tranquila  
Pessoas se dirigem a um guarda  
Que aparentemente acha agradável agradar  
Ao menos viver é bom e eu concordo  
Ao menos ele aparentemente acha agradável  
É tão bom viver em paz e  
Domingo, segunda, anos e eu concordo

Enquanto meus olhos  
Procuram discos voadores lá no céu

Não escolho olhar para rosto algum  
Não escolho caminho algum  
Apenas me acontece estar aqui  
E é legal  
Gramma verde, olhos azuis, céu cinza, Deus abençoe  
Dor silenciosa e felicidade  
Eu vim para dizer sim, e digo

Mas meus olhos  
Procuram discos voadores lá no céu.

canção também dialogam com aqueles do poema de William Blake e o texto de Caetano corresponde “a um *flash* ou sequência de *selfies* [...] ao longo de um passeio silente e solitário” (SECCHIN, 2018, p. 4). Tanto em “London” quanto em “London London” observamos um momento de extrema solidão, de sofrimento e de falta de comunicação com os seres que caminham pelas ruas londrinas. Em ambas, o eu-lírico é um romântico, incompreendido, em luta contra uma sociedade que o oprime.

Essa aproximação proposta por nós permite considerar que a periodização estabelecida em relação ao Romantismo e também relativas a outros períodos literários é uma convenção, uma vez que traços do romantismo, do realismo estão presentes em textos contemporâneos e, nesse sentido, é perfeitamente cabível considerar que

o Romantismo em todas as suas manifestações, desde o campo político até ao da vida social, com especial incidência na arte, marcou o início da vida moderna. Para todas as manifestações artísticas e literárias do nosso tempo, é possível encontrar uma raiz no Romantismo. (SOUSA, 1980, p. 22-23).

Todos os dois eu-líricos (o do poema e o da canção) apresentam características e comportamentos regidos por códigos estabelecidos no final do século XVIII e XIX, oriundos da França e da Alemanha. Desse modo, é possível enxergar elementos românticos em composições contemporâneas, comprovando que as obras literárias não são estanques, elas podem ser inovadoras, mas certamente trazem elementos clássicos, e o diálogo entre modernos e antigos, entre velhos e novos, entre o próprio e o alheio, conforme Tania Carvalhal (2003) é perene e esteve e está presente em todos os movimentos literários de todas as nações.

A respeito do movimento romântico e, mais especificamente, sobre a sua poesia, a pesquisadora Maria Leonor Machado de Sousa (1980, p. 16) tece

um comentário muito pertinente e que sintetiza de certo modo as análises efetuadas neste ensaio:

[...] Um elemento é comum a toda a poesia romântica, quer se trate de uma expressão de amor quer seja um hino à liberdade – uma sensação melancólica, de insatisfação, da nostalgia de uma idade de ouro inatingível, ou porque se perdeu com a inocência ou porque as limitações humanas não permitem alcançá-la.

Seja na música de Caetano, seja no poema de Blake que foi analisado, é possível constatar que, nos dois casos, predomina um eu-lírico que podemos classificar como pertencente ao período designado como romântico por teóricos e críticos, pois os dois, em primeira pessoa, manifestam seus estados de espírito, suas dores, seus sentimentos de nostalgia e de inconformidade face à realidade que os oprime e não são capazes de se comunicar com aqueles que os rodeiam, mas tão somente observar que eles também têm problemas e sofrem (no poema de Blake), ou sentindo-se deslocado, distante dos transeuntes, devaneando “em direção a outro mundo, o extramundo, o disco-voador” (SECCHIN, 2018, p. 3), para permanecer na solidão (na canção de Veloso).

A análise do poema “London” permitiu constatar a solidão e o sofrimento do eu-lírico que vê e se comove com uma sociedade corrompida, com separações muito nítidas entre as classes sociais (pobres x ricos), circunscritas a espaços específicos, demarcados, onde até elementos da natureza como o rio (Tâmisa) é controlado e deve servir aos propósitos daqueles que têm condições de explorá-lo.

O poeta romântico é um ser solitário que se debate e se revolta contra um mundo que ele considera medíocre, injusto, e do qual ele quer se libertar. Em “London” isso fica evidente pela postura do eu-lírico que observa e ouve os lamentos daqueles que, como ele, sofrem e se sentem abandonados, menosprezados.

A cidade grande converte-se no símbolo romântico por excelência, uma vez que mesmo em meio à multidão (ou entre seres distintos – crianças, homens, mulheres), o poeta não consegue deixar de se sentir sozinho, melancólico, triste, pondo em evidência o modelo do homem do romantismo que, no universo poético, opõe-se ao mundo e expõe sentimentos de amargura, dor e sofrimento como o eu-lírico de “London”, conforme buscamos enfatizar em nossa análise.

## Referências

- BLAKE, William. London. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/poems/43673/london-56d222777e969>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- BLAKE, William. *William Blake: poesia e prosa selecionadas*. Edição bilingue. Introdução, seleção, tradução e notas Paulo Vizioli. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- BONNICI, Thomas. *Poetry of the Nineteenth and Twentieth Centuries*. 1. ed. Maringá: Editora Massoni, 2004.
- BRÄUER, Annika. The Representation of London in William Blake’s “London” and William Wordsworth’s “Composed upon Westminster Bridge”. Munich, GRIN Verlag, 2008. Disponível em: <https://www.grin.com/document/162790>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio – ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.
- CASH, Peter. William Blake: London. *The Use of English*, 2019, p. 144-151. Disponível em: <https://www2.le.ac.uk/offices/english-association/schools/resources-for-trainee-teachers-and-nqts/Blake%20London%2063.2.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- CORSINO, Thaís de Sousa. *William Blake e o Romantismo Inglês*. Monografia (Graduação em História). Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de História, Uberlândia, 2014.
- DIESEL, Sophia Celina. London and the Romantic Poetry of Blake and Wordsworth. *Revista LitCult*, v. 9, 2. Semestre 2015, p. 1-7. Disponível em: <https://litcult.net/2016/02/27/london-and-the-romantic-poetry-of-blake-and-wordsworth-sophia-celina-diesel/>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- DUARTE, Flavia Maris Gil. *Londres dos limpadores de chaminés: literatura e experiência histórica nos poemas London e The Chimney Sweeper de William Blake (1789-1794)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, 2011.
- MOREIRA, Sandra Regina Fonseca, SPARANO, Magalí Elisabete. O romantismo inglês – Poesia. Campus Virtual Cruzeiro do Sul. Disponível em: [https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc\\_2011/1sem\\_2011/litinglesa/unidade3/texto\\_teorico.pdf](https://arquivos.cruzeirodosulvirtual.com.br/materiais/disc_2011/1sem_2011/litinglesa/unidade3/texto_teorico.pdf). Acesso em: 29 mai. 2019.
- PARADISO, Silvio Ruiz. *Literaturas em Língua Inglesa I*. Maringá: UniCesumar, 2018.
- ROKEYA, Ms., AHAMMED, A. K. William Blake’s “London”: A Bleak Picture of Late 18th Century London. *IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS)*, v. 21, Issue 3, Ver. III (Mar. 2016), p. 38-42. Disponível em: <http://www.iosrjournals.org/iosr-jhss/papers/Vol.%202021%20Issue3/Version-3/F2103033842.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- SECCHIN, Antonio Carlos. Conferência: Caetano Veloso: Londres e São Paulo. Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 3 de abril de 2018, p. 1-7. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/antonio-carlos-secchin/conferencia-caetano-veloso-londres-e-sao-paulo>. Acesso em: 29 mai. 2019.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de. Romantismo inglês: uma interpretação. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – FCSH*, Universidade Nova de Lisboa, n. 1, 1980, p. 7-23. Disponível em:

<https://run.unl.pt/handle/10362/4212>. Acesso em: 29 mai. 2019.

VELOSO, Caetano. London London. Disponível em: <https://www.cifraclub.com.br/caetano-veloso/london-london/letra/>. Acesso em: 29 mai. 2019.

**Submissão: 07 de junho de 2019.**

**Aceite: 21 de julho de 2019.**



